

PAIS E FILHOS HOJE: A AUTORIDADE PATERNA FRENTE AO DECLÍNIO DO PATRIARCADO

Leonardo José Cavalcanti Pinheiro*

RESUMO: *Este artigo possui como objetivo compreender o universo da autoridade paterna na contemporaneidade e entender como o pai vem construindo o seu papel na sociedade, tendo em vista os valores patriarcais ainda enraizados, em contraponto, com os novos valores, de individualismo e de autonomia dos indivíduos. Com base em uma revisão de literatura, é realizado um panorama geral do patriarcado, caracterizando o pai neste sistema, e a partir de uma descrição da contemporaneidade, faz-se uma leitura de como a paternidade é desempenhada na sociedade atual.*

Palavras-chave: Autoridade; Patriarcado; Paternidade.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a família tem passado por diversas mudanças na atualidade, sendo passível de vários modelos de configuração. Alguns valores “tradicionais” nas relações de pais e filhos são abandonados e uma nova concepção de relação é construída a partir dessas mudanças na contemporaneidade. A sociedade baseada no patriarcado, não mais corresponde aos valores vigentes. Pensar em autoridade pode parecer algo absurdo em uma sociedade que valoriza a independência, autonomia, diálogo, negociação e o afeto. Porém, é fato que a autoridade, seja esta vinda de um pai, um patrão, um professor ou um político, é de extrema importância para o crescimento e a evolução do indivíduo e da própria sociedade.

As novas configurações sociais, que acompanham os ideais gerados pelos avanços tecnológicos, pela urbanização, pela lógica do consumo, constroem as relações tendo como principal valor, o individualismo. Há uma busca pela cultura da satisfação pessoal e imediata, o que favorece a entrada da mulher no mercado de trabalho e a decorrente participação na renda familiar, o aumento dos divórcios, construindo novos modelos familiares. A autoridade paterna, diante deste contexto, se encontra também em transformação. Ora possuindo um referencial “tradicional”, baseado no modelo patriarcal, minando o componente afeto na relação pai e filho, e exacerbando o fator dominação e subordinação, ou seja, a unilateralidade da relação. Outrora, tendo que se adaptar a estas novas organizações que se modificam com bastante intensidade e velocidade. Ou seja, incorporando novos conceitos de paternidade e autoridade nas relações. Conceitos estes que requer um pai mais sensível, afetuoso, mais atuante na educação dos filhos e não mais atrelados à dinâmica de poder e autoritarismo, uma vez já vigentes. Pesquisar contemporaneidade é estar atento às mudanças pertinentes aos valores que os homens estão incorporando. A autoridade paterna não foge às regras. É algo que vem se transformando e se adaptando às novas formas do sujeito ver o mundo.

Para chegarmos a uma compreensão da autoridade paterna na contemporaneidade é de fundamental importância que fique claro o conceito “autoridade”, afim de que consigamos situar

* Graduado em Psicologia pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Mestrando em Família na Sociedade Contemporânea pela UCSAL – Universidade Católica do Salvador. e-mail: leojcavalcanti@hotmail.com – autor.

um referencial positivo e outro negativo do termo. Um panorama geral do patriarcado será realizado para que possamos identificar a sua presença ainda perpetrada na sociedade contemporânea. E por isto a necessidade óbvia de também ser realizada uma descrição da contemporaneidade. O diálogo entre autores possui o objetivo de analisar como a autoridade paterna vem sendo compreendida, seja pelo ideal patriarcal, ou seja, por valores trazidos pela contemporaneidade. É também de importância bibliográfica a contextualização da família contemporânea, e para analisar esta família, é necessária a descrição do patriarcado e dos novos ideais sociais contemporâneos.

A família é o reflexo da sociedade, e nela ocorre a transmissão da cultura e da tradição. A sociedade sofre intensas e rápidas transformações, no que tange o universo do trabalho, da educação e dos valores que orientam a conduta dos indivíduos, repercutindo na organização e configuração da própria família. A partir da formação do novo contexto, alimentado pelo individualismo, pela busca do presente, e conseqüentemente pela procura por uma vida independente, vê-se a necessidade de compreender como se encontra a autoridade do pai, frente à crise do modelo patriarcal. Diante de uma sociedade que ainda está em processo de configuração, e sendo um dos aspectos relevantes que caracterizam a dinâmica da sociedade, a busca por transformações, é de extrema importância ter o conhecimento de como as relações entre pais e filhos estão se configurando, frente ao enfraquecimento do modelo de sociedade que possui como princípio básico o exercício da lei, a autoridade do homem. Será que é pertinente pensar em autoridade paterna, baseado no abuso do poder, na dominação, em uma sociedade que busca igualdade nas relações, nos direitos e nos deveres? Ou então, paradoxalmente, é certo pensar em presença do diálogo, da afetividade na relação dos pais e filhos, em uma sociedade que ainda perpetua valores patriarcais, valores machistas de que o homem ainda é o dono da lei, e que mulher e filhos serão eternamente subjugados ao seu poder e autoridade?

AUTORIDADE: UM BREVE CONCEITO

Quando o tema “autoridade” aparece nos dias de hoje, pensa-se automaticamente em poder, uso da força, autoritarismo. Porém, é bastante pertinente entender o termo “autoridade” como um laço afetivo e que este não é somente um vínculo formado pela dominação e subordinação, mas também, por uma ligação que permite o crescimento e a evolução do indivíduo. Sennett (2001) afirma que a necessidade da autoridade é essencial à evolução dos indivíduos. Por exemplo, as crianças precisam da autoridade que as orientem e tranquilizem. E os adultos também realizam uma parcela do seu interesse ao assumirem a autoridade, manifestando seu interesse por outrem. Ao mesmo tempo em que a necessidade de autoridade é necessária ao crescimento, há também o temor por ela causado. Segundo Sennett há dois tipos de medos referentes à autoridade: o temor causado pela sua privação e o medo da influencia da autoridade como ameaça à liberdade, seja no contexto familiar ou na sociedade em geral. O autor afirma que o ingrediente essencial da autoridade é a força que se tem e que se usa para guiar os outros, disciplinando-os e modificando o modo de agir, através da referência a um padrão superior. “Segurança, capacidade superior de julgamento, capacidade de impor disciplina, capacidade de inspirar medo: são essas as qualidades de uma autoridade”.(SENNETT, 2001, p.30).

São muito comuns os usos dos termos autoridade e autoritarismo como sinônimos. Porém, quando se é autoritário, faz-se uso do poder sem objetivo de um fim mais elevado e determinante para a evolução do indivíduo. Segundo Sennett (2001), a “autoridade” é exercida

para fornecer produtividade. E o “autoritarismo” é usado para descrever uma pessoa ou um sistema repressivo. É de fundamental importância questionar o componente “integridade” quando se exerce a autoridade. Por exemplo, o caso de um genitor que inspira pavor e reverência aos filhos, ou um político que instaura um regime de terror nos cidadãos de uma sociedade. É muito possível que a integridade nestes casos esteja comprometida e a autoridade que essas figuras exercem não corresponda a um serviço de ideal mais elevado.

Nos escritos de Franz Kafka, principalmente em “Carta ao pai”, obra que originalmente foi uma carta de Kafka destinada ao seu pai, porém, que ele nunca a entregou, vê-se claramente a postura de um pai opressor, autoritário, dono de um poder e saber ilimitado, capaz de esmagar o filho. Porém, Kafka compreende a postura paterna como bem intencionada, sabendo que a autoridade que o pai exerce possui como objetivo o seu crescimento pessoal.

No fundo és, pois, um homem bom e brando (o que se segue não vai contradizê-lo, estou falando apenas da aparência com a qual exercias influência sobre a criança), mas nem toda criança tem a resistência e o destemor de procurar tanto quanto for necessário para encontrar a bondade. Tu podes tratar um filho apenas na medida em que tu mesmo foste criado, com força, barulho e cólera, e nesse caso isso te parecia, além do mais, muito adequado, porque querias fazer de mim um jovem forte, corajoso. (KAFKA, 2007, p. 24).

O PATRIARCADO EM TRANSFORMAÇÃO: UM NOVO CONTEXTO

Foi no início da colonização do Brasil, a partir das condições locais, que favoreciam o estabelecimento de uma estrutura econômica de base agrária, latifundiária e escravocrata, e também associado aos diversos fatores, como a descentralização administrativa local, excessiva concentração fundiária e acentuada dispersão populacional que surge uma sociedade do tipo paternalista. (SAMARA, 1998).

Freyre² (apud BRUSCHINI, 1990) afirma que o patriarcado, base familiar da sociedade agrária escravocrata do Brasil colonial, dava importância fundamental ao núcleo conjugal e à autoridade masculina, sendo função do patriarca, chefe ou “coronel”, dono do poder econômico e mando político. Ou seja, além de possuir o poder econômico, político, o chefe de família procurava exercer sua autoridade sobre a mulher, filhos, e demais agregados sob sua tutela.

Segundo Freyre (1990), no Brasil patriarcal, o menino – enquanto considerado menino – esteve sempre conservado à distância do homem adulto, do pai, a grande distância do elemento humano. Romanelli (2000), além de caracterizar a família nuclear tradicional como hierárquica baseada na autoridade do pai sobre a mulher e os filhos, faz referência à divisão do trabalho bastante rígida, que separa atribuições masculinas e femininas, o controle da sexualidade feminina e o vínculo afetivo existente entre os cônjuges e entre esses e a prole, o que neste último caso há maior proximidade afetiva entre mães e filhos.

A administração da justiça pelo patriarca sobre a própria família, a autoridade exercida pelo adulto sobre o párvulo, no interesse real ou ostensivo da educação, ou da moralização do menino, não há dúvida que tomou muitas

² FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento do Urbano*. RJ/SP: Editora Record, 1990.

vezes o caráter francamente sádico. Sadismo, que apenas se atenuou ao estender-se o sistema patriarcal das casas grandes aos sobrados das cidades, onde os velhos continuaram a reinar sobre os moços de modo absoluto. (FREYRE, 1990, p.70)

Até meados do século atual, o modelo familiar predominante foi a chamada “família tradicional”, com numerosos traços do patriarcado. Nesse modelo, o homem é o chefe da casa, é responsável pelo trabalho remunerado, exercendo autoridade sobre a mulher e os filhos. A mulher entra nesse contexto como a responsável pelas funções domésticas, dedicando-se aos filhos e ao marido. (PRATTA&SANTOS, 2007)

Segundo Romanelli (2000), a autoridade paterna se baseava no saber do pai, adquirido pelas suas experiências, suas vivências para encontrar soluções para os problemas do cotidiano. Nesse contexto, o saber se tornava legítimo e era transmitido pela socialização, através de orientações explicitadas verbalmente, ou, pelo exemplo paterno, que projetava no futuro o saber adquirido no passado. E assim, o pai assentava a legitimidade da autoridade na condição de provedor financeiro da família; no saber adquirido que permitia articular passado e presente, projetando-se no futuro; nas posições hierárquicas de marido e de pai, e no caráter institucional de representante da unidade doméstica.

Devido às diversas mudanças na organização social que surgem em um contexto de crescente urbanização e industrialização, pelos avanços tecnológicos, pela lógica do mercado de culto ao consumo, pela entrada da mulher no mercado de trabalho, a sociedade possui uma nova forma de referência valorativa, baseada no individualismo, ou seja, na busca às individualidades e ao imediatismo. Lipovetsky, em *o império do efêmero* compreendeu a moda sobre esse contexto do individualismo, hedonismo e imediatismo. Segundo Lipovetsky (p.38, 2002) “a moda não permitiu unicamente exibir um vínculo de posição, de classe, de nação, mas foi um vetor de individualização narcísica, um alargamento do culto estético do eu, conseguiu fazer do superficial um instrumento de salvação, uma finalidade da existência”.

Deste individualismo surgirá a procura por igualdade pelos indivíduos. Petrini (2003) esclarece que a igualdade é assegurada no cotidiano, onde novas formas de divisão de tarefas e responsabilidades entre homem e mulher se formam. O modelo tradicional, no qual as mulheres realizam as tarefas domésticas e o primado, sendo responsabilidade dos homens, é abandonado, porém, não surge outros modelos familiares que tenham uma validade universalmente reconhecida e aceita. Segundo Sarti (2000) novos papéis familiares dos homens e das mulheres são estabelecidos, modificando a forma de relacionar entre o homem e a mulher e entre os pais e os filhos. A autora acrescenta que os papéis sexuais e os deveres entre pais e filhos não estão mais claramente preestabelecidos, o que favorece a divisão sexual das funções, o exercício da autoridade e todas as questões das obrigações e dos direitos da família estarem em constante negociação, sendo passíveis de serem revistas à luz destas negociações.

É muito analisada e discutida a crise do sistema patriarcal na sociedade, o declínio do modelo familiar baseado na autoridade e dominação do homem sobre os demais membros, a mulher e os filhos. Existem algumas tendências para o comprometimento da família patriarcal e para o enfraquecimento da autoridade paterna: o aumento da dissolução de lares através do divórcio; o adiamento da formação de casais e a formação de relacionamentos sem casamento; a crescente instabilidade familiar e a crescente autonomia das mulheres com seu comportamento reprodutivo, ou seja, a reprodução está segura, dentro ou fora de um contexto familiar tradicional. (CASTELLS, 2002).

Segundo Forte (1988, p. 20-21):

A família patriarcal foi substituída pela “família conjugal moderna”, onde o casamento possui como função principal, não mais a manutenção da propriedade, mas a satisfação dos impulsos sexuais e afetivos. O autoritarismo do pai se desfez um pouco na estrutura da família conjugal moderna, os pais desempenham a função de autoridade e de educadores e a família é um agente de dominação e de controle dos indivíduos.

Diante deste contexto, Kaloustian³ (apud PETRINI, 2005), entende que as relações entre pais e filhos serão mais flexíveis e baseadas no respeito, enquanto outros valores são incorporados, como o diálogo, a tolerância e a negociação. Os vínculos entre pais e filhos, no entanto, tendem a ser mais frouxos e as novas gerações possuem metas e valores diferentes, divergindo da geração dos adultos e dos avós. É por isso que haverá o sentimento de estranheza e distanciamento dos filhos com relação aos pais.

Devido à rapidez das mudanças que afetam a família, a esta maior flexibilidade e negociação que existe nas relações entre pais e filhos, o saber paterno, que outrora, é tido como irrevogável e imutável, como um saber acumulado no passado para resolver soluções do presente e do futuro, se tornou inadequado para fazer jus às situações novas, ou seja, que não foram vividas pelo pai, situações estas provenientes de uma outra organização social e familiar. (ROMANELLI, 2000).

PATERNIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

É de fundamental importância que para se chegar a uma compreensão da autoridade do pai e dos valores que eles incutem nos dias de hoje, há a necessidade de se conhecer, ao longo da história, a forma como é compreendido o exercício da paternidade. Segundo Silveira (1998), a paternidade se dará em um conjunto de práticas inseridas na relação entre duas pessoas, sendo que uma delas é identificada como pai e a outra identificada como filha. Segundo o autor, o fato de um sujeito ser identificado como o genitor de uma criança não garante que seja estabelecido um vínculo de paternidade. Silveira afirma que há uma necessidade de relação interpessoal entre essas duas pessoas e esta é marcada por vivências afetivas. A paternidade é um vínculo que possui uma grande vulnerabilidade às mudanças, pois é construída de acordo com os valores que permeiam as relações interpessoais. Para Muzio (1998), falar de paternidade é falar de um papel destinado sócio-culturalmente.

Ser mãe e pai implica apropriar-nos de um papel construído historicamente por uma cultura e uma estrutura social de poder que localiza o homem dentro de um mandato de ser a partir do termo do poder e do saber, num espaço público de competição para o qual devia, desde menino, adquirir destrezas e habilidades. (MUZIO, 1998, p.167)

É fato que a cultura patriarcal teve força determinante para a introjeção de modelos que promovem a mãe como o exemplo de perfeição moral, de total entrega e que são envolvidas simbioticamente com os filhos. Enquanto o modelo de paternidade é representado pela

³KALOUSTIAN, S.M.(org). *Família brasileira, a base de tudo*. São Paulo: Cortez, 1994.

autoridade, pelo homem que sustenta a família, mas que possui uma relação periférica e intermitente com os filhos. (MUZIO, 1998).

Figueira (1987, p. 15) ajuda a descrever a supremacia hierárquica e autoritária que possui o homem na organização da família: “adulto é diferente de criança, está na posição de quem sabe ‘mais e melhor’, e pode – e mesmo deve – de quando em quando, mostrar seu poder através do exercício legítimo da disciplina”. Gomes e Rezende (2004) afirmam que em período recente da nossa história, havia dificuldade do homem separar sua individualidade da função de pai, o que caracterizava a situação pela ausência do diálogo com a família e por este se considerar acima da trama doméstica, da mulher e dos filhos. Muzio (1998, p.167) afirma: “Essa atribuição de papel deixou o homem expropriado de uma paternidade próxima, empática, e nutriente, privou-o do desfrute dos filhos, colocando-os no lugar da periferia. A função de criação foi excluída seletivamente do ser homem”.

Esta situação vem se modificando. Devido à entrada da mulher no mercado de trabalho, questiona-se a autoridade do homem e há uma ruptura na hierarquia proveniente da trama doméstica. Entretanto, os hábitos não acompanham os valores mutantes e, por conseguinte, o vazio instalado nas relações afetivas ainda é existente, havendo a distância entre o pai e os demais membros do núcleo familiar. (GOMES; REZENDE, 1998).

Segundo Barros (1987), a análise da complexidade da família moderna se baseia no entrecruzamento de um eixo, constituído pelas representações de autoridade e afeto, e pelas versões mais naturalizadas ou mais intervencionistas das mudanças na vida familiar. “Trata-se de um espaço fundamental para a expressão do poder e da autoridade sendo vista ao mesmo tempo como uma estrutura fundada basicamente nos laços afetivos entre seus membros”. (BARROS,1987, p. 107).

Muzio(1998) afirma que a paternidade é representada pela sociedade de forma secundária e não prioritária. Ou seja, o exercer da paternidade de forma afetiva, terna, próxima e que permita uma relação dialógica empática, não é essencialmente relacionado ao referencial masculino. A paternidade é constituída através da formação dos arquétipos de gênero, onde a ternura, a expressão dos sentimentos, não são inerentes à masculinidade, e por isso também, à paternidade. A influência patriarcal, ainda edificada, mantém o homem como ente produtivo, que sustenta a família e é provedor de bens. A necessidade de adquirir destrezas para a feitura, o êxito e o poder público é inerente à identidade masculina. (MUZIO, 1998).

Existem pesquisas que refletem e discutem as mudanças estruturais familiares, que permitem a construção ou uma reconstrução da paternidade. Há também os autores que afirmam que não houve uma mudança, nem mesmo discreta, do papel que o pai possui na família. ⁴Amato, Gottman e Declaire (apud BALANCHO, 2004), descrentes no estabelecimento de um pai transformado nos últimos anos, afirmam que estes em vez de se tornarem mais próximos dos filhos e envolvidos nas suas vidas e formações foram sendo excluídos e também foram se excluindo do papel de educador. Gomes e Rezende (1998) quando tratam sobre a questão do poder afetivo materno como principal mediador na relação entre pai e filho, questiona também a possibilidade desta mediação interferir em obstáculo para o intercurso do afeto entre eles, muitas

⁴ AMATO, P. R. Father-child relations, mother-child relations and offspring psychological well-being in early adulthood. *Jornal of Marriage and the Family*. 56, 1031-1042, 1994.

GOTTMAN, J & DECLAIRE, J. *Los mejores padres: como desarrollar la inteligencia emocional de sus hijos*. Argentina: Javier Vergara Editor, 1997.

vezes até nulificando o poder afetivo que os pais pretendem incorporar. Partindo desta perspectiva o autor questiona se o distanciamento do pai se deve unicamente a auto-exclusão ou a apropriação do filho, por parte exclusiva da mãe, ou até onde tais condições são produzidas por determinações culturais, mas acolhidas pelo homem como intrínseca à condição paterna.

No que tange à perspectiva de que um novo ideal de paternidade está sendo configurado, Badinter (1992, p. 72) esboça este novo perfil:

É um homem oriundo das classes médias ou altas, que se beneficia de uma formação e de uma renda mais elevada que a média. Tem uma profissão liberal que lhe permite, bem como à sua mulher, dispor livremente de seu tempo e rejeita a cultura masculina tradicional. A maioria se diz em ruptura com o modelo de sua infância e não quer, por nada, reproduzir o comportamento do pai, considerado “frio e distante”. Eles almejam “reparar” sua própria infância. Finalmente, vivem com mulheres que não têm vontade de ser mães em tempo integral.

Baseado em pesquisa sobre paternidade Jablonski (1998, p. 125) pontua:

Até a primeira metade deste século, pais eram “apenas” provedores e a ponte entre a casa e a sociedade. Hoje, na medida em que a mulher é “menos mãe”(no sentido antigo), uma nova mentalidade busca se impor, instando a figura paterna a participar mais do dia-a-dia e dos cuidados físicos e emocionais de sua prole. Mais uma vez, esta pesquisa, demonstra que o caminho da mentalidade à “comportabilidade” é muito longo e sinuoso..., o que faz com que a maioria dos pais “se perca” e não consiga transformar ações em intenções.

Muzio (1998) entende que existem três cenários distintos em relação ao tratamento da figura paterna e sua importância, que poderiam localizar-se sucessivamente no tempo, mas na atualidade, coexistem de acordo com a teoria que lhe serve de marco de referência. Em um primeiro cenário, a importância do pai é omitida, consignando à mãe um papel decisivo e de fundamental importância para o desenvolvimento infantil. A psicanálise foi a principal linha teórica que contribuiu para pensar esta perspectiva.

Em um segundo cenário, começa-se a valorizar a importância do pai, porém os efeitos nocivos da ausência ou da desatenção são vinculados ao perfil tradicional do pai. Neste momento, o pai possui função de autoridade, apoio emocional da mãe, representatividade social, sustentação econômica e identidade sexual e por isto que a sua ausência é vista como desencadeadora de desajustes sociais, inaptações, delinquência, suicídio, problemas de identidade e de identificação sexual. (MUZIO, 1998).

Por fim, o terceiro cenário começa a expor uma nova discussão dos papéis pai-mãe como “diapásio único de atividades que se assumem, não em função de gênero, mas das características das personalidades de cada progenitor que assume a criação”. (MUZIO, 1998, p. 169). A literatura científica defende que, devido às mudanças da família moderna, a criança, desde o seu nascimento, pode fazer vínculo próximo que dê segurança e sustentação com mais de uma pessoa. As funções (instrumentais – competências e destrezas, expressivas – empáticas e afetivas), que antes eram pensadas como exclusivamente do pai e da mãe tradicionais, se entrelaçam, dando passagem a novos modelos de paternidade e maternidade não determinados pelos estereótipos genéticos. Todas essas funções são compartilhadas, tanto pelo pai, quanto pela

mãe, e as atitudes variam de acordo com as características pessoais e não mais com relação às características de gênero.

CONCLUSÃO

O tema acerca das relações entre pais e filhos gera muita discussão na contemporaneidade, em virtude da complexidade que é a própria sociedade contemporânea, com as suas nuances de conceitos e valores, formando e modelando a conduta dos indivíduos. A autoridade paterna é um conceito que necessita de muitos questionamentos. Vivemos em uma sociedade, na qual existe o culto ao individualismo, e, portanto à liberdade e à autonomia dos indivíduos. Porém, mesclado a tais valores, está ainda presente o ideal da autoridade paterna proveniente do patriarcado. É preciso entender então como se encontra esta autoridade, que ainda é configurada entre valores de soberania e poder, proveniente do patriarcado, e da flexibilidade, do diálogo e da possibilidade de negociação entre os indivíduos, trazido pelos novos tempos.

Por se tratar de um tema pouco discutido, sob o ponto de vista das ciências humanas, sobretudo as ciências sociais, é bastante relevante a discussão sobre a autoridade paterna na contemporaneidade. Por isso é muito comum encontrar nas clínicas de terapias as questões mal resolvidas da paternidade e da autoridade. Poder-se-ão existir conseqüências benéficas em ambientes de terapia de família e com adolescentes. Em virtude de representar uma temática do cotidiano, da mais pura realidade, é necessário chegarmos a uma compreensão definida da paternidade nas relações.

Procurando compreender o pai e o vínculo de autoridade na sociedade contemporânea foi possível encontrar traços do patriarcado ainda evidentes na cultura atual. É notável também perceber o declínio deste sistema, tendo em vista os novos conceitos de valores da sociedade contemporânea.

Atualmente o que se valoriza é a presença de um pai mais afetuoso e próximo do filho. Porém, é extremamente complicada na sociedade de tradição patriarcal, uma revolução social acabar com uma cultura milenar. Na prática, muitas vezes ainda encontramos a presença da paternidade baseada na dominação, na ausência de apoio emocional e de afetividade. É necessário que haja dos pais uma conscientização do verdadeiro sentido de autoridade, sobretudo, evidenciando o caráter de evolução e crescimento que é proporcionado aos filhos, diferente de um modelo autoritário e dominador que, outrora, vigorou. É de extrema importância que coexista nas relações filiais a autoridade e a afetividade, para que assim seja estabelecida uma relação empática e próxima, essencial para o desenvolvimento dos filhos.

REFERÊNCIAS

AMATO, P. R. *Father-child relations, mother-child relations and offspring psychological well-being in early adulthood*. *Jornal of Marriage and the Family*. 56, 1031-1042, 1994.

BADINTER, E. XY: *Sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARROS, Myriam Lins de. *Autoridade e Afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Editora Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 1987.

BALANCHO, L. S. F. *Ser pai: transformações intergeracionais na paternidade*. Lisboa: CRL, 2004. (on line). <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v22n2/v22n2a06.pdf>

BRUSCHINI, Cristina. Teoria Crítica da Família. In: AZEVEDO, M.A ; GUERRA, V. N. A. (orgs). *Infância e Violência doméstica: Fronteiras do Conhecimento*. São Paulo: Cortez ed, 1993.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo/SP. Editora Paz e Terra, 2003.

FIGUEIRA, S. A. *Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

FORTE, M. J. P. *Necessidades psicossociais do adolescente*. Revisões e ensaios. Pediatría. São Paulo /SP. 1988. (on line) <http://www.pediatriasaopaulo.usp.br/upload/pdf/6pdf>.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento do Urbano*. RJ/SP: Editora Record, 1990.

GOMES, A. J. S ; RESENDE, V. R. *O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea*. Psicologia: Teoria e Pesquisa. V. 20, n. 2. Brasília: UNB, 2004. (on line) <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v20n2/a04v20n2.pdf>

GOTTMAN, J & DECLAIRE, J. *Los mejores padres: como desarrollar la inteligencia emocional de sus hijos*. Argentina: Javier Vergara Editor, 1997.

JABLONSKI, B. Paternidade hoje: uma metanálise. In: SILVEIRA, Paulo (org). *Exercício da Paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

KAFKA, Franz. *Carta ao Pai*. Porto Alegre: L&M, 2007.

KALOUSTIAN, S.M.(org). *Família brasileira, a base de tudo*. São Paulo: Cortez, 1994.

LIPOVETSKY, G. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2002.

MUZIO, P. A. Paternidade (Ser Pai)... Para que Serve?. In: SILVEIRA, Paulo (org). *Exercício da Paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

PETRINI, J. C., Mudanças sociais e mudanças familiares In: PETRINI, J. C., CAVALCANTI, V. R. S. (orgs) *Família, sociedade e subjetividades: uma perspectiva multidisciplinar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

PRATTA, Elisângela Maria Machado ; SANTOS, Manoel Antônio. *Família e adolescência: a Influência do Contexto Familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros*. Revista Psicologia estudos, v.12, n.2. Maringá, 2007. (on line). http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722007000200005&lng=pt&nr_m=iso

ROMANELLI, Geraldo. Autoridade e poder na família. In: CARVALHO, M.C.B. (org). *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo, SP: Educ/Cortez, 2000.

SAMARA, E.M. *A Família Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

SARTI, A. C. Família e individualidade: um problema moderno. In: CARVALHO, M.C.B. (org). *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo-SP: Educ/Cortez, 2000.

SENNETT, Richard. *Autoridade*. RJ/SP: Editora Record, 2001.

SILVEIRA, Paulo. O Exercício da Paternidade. In: SILVEIRA, Paulo (org). *Exercício da Paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.